

Entrevista

Internacional

NÉLIDA PIÑÓN

Nélida Piñon

ESCRITORA

PRIMEIRA MULHER ELEITA PRESIDENTE DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Entrevista conduzida por

Annabela Rita (CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

José Eduardo Franco (CIDH, Universidade Aberta)

Miguel Real (CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Apresentação

Nélida Piñon foi a primeira mulher eleita presidente da Academia Brasileira de Letras e é atualmente uma das escritoras mais notáveis de língua portuguesa, internacionalmente muito reconhecida e premiada.

Nélida Piñon irrompeu na literatura de língua portuguesa como um raio de luz forte que ilumina inesperados lados da realidade humana. Nélida é uma escritora notável e ao mesmo tempo uma artista do pensamento. Ao sabor do movimento do seu bisturi de escritora, a vida de mulheres e homens é descarnada nos seus múltiplos fios e desafios, ambições e desvarios. Nos livros de Nélida, celebra-se a liberdade de pensar e de afrontar com coragem o que estava calado e proibido. Nélida mistura o imaginário e a realidade, ou melhor, confere diferentes cores à realidade crua e dura com o poder transfigurador da palavra. O mínimo detalhe da existência merece-lhe reflexão,

cuidado crítico e contemplação estética – o seu gosto pelo particular eleva o detalhe a uma expressão universal, pois tudo o que é humano pode inspirar tratamento literário na medida em que transporta traços comuns a toda a humanidade. Como nenhuma outra escritora, Nélida consagra uma glosa do célebre dito atribuído a Terêncio: nada do que é humano é estranho à literatura. Na grande literatura de que Nélida é cultora, se realiza, como em nenhuma arte, o poder do imaginário que desvenda mundos escondidos e cria universos novos.

Nesta grande entrevista, Nélida Piñon fala-nos do seu percurso de vida e de escrita, dos sentidos da sua obra e de grandes questões da literatura na relação com a cultura e com a sociedade.

Pode contar-nos a sua experiência na Academia Brasileira de Letras (ABL), o seu contributo e a sua liderança com toque feminino?

A ABL organizou-se ao longo de quase um século para guardar e preservar as virtudes masculinas. Ali se concentrou um vasto repertório, blindado contra a presença feminina. Dando seguidas provas públicas da escrita da mulher não se credenciar para ocupar seus glo-

riosos escaninhos. Seus livros, embora publicados, não mereciam resguardo institucional. Como consequência, a Academia Brasileira de Letras recusou sufragar uma única intelectual para ocupar uma cadeira. E interditou as que aspiravam o ingresso em suas hostes. Já em tempos mais modernos, o pretexto usado apontava que o estatuto apenas assegurava a brasileiros o ingresso à Casa. Tal designação abrangendo unicamente a figura masculina. A mulher, portanto, destituída de personalidade cívica, de várias prerrogativas, entre elas o direito de votar, que adveio em 1937, não fazia parte do coletivo brasileiro.

O ingresso de Rachel de Queiroz na ABL, em 1977, ensejou que outras a sucedessem, então incluindo-me em 1989, mas em percentagem moderada. Até ser eu eleita, em dezembro de 1996, para uma presidência que coincidiu com a comemoração do I Centenário da sua fundação, momento áureo da instituição.

Coube-me um duplo exercício. A presidência comum e a presidência do Centenário, que demandou amplos festejos, discursos, atos públicos, inaugurações, a renovação do seu espírito.

Havia que conciliar ambas funções. E fazer com que o Brasil se desse conta do significado simbólico desta instituição no imaginário brasileiro. Julguei sempre que o país, em sua ânsia civilizatória, galgara expressiva ascensão cultural com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 20 de julho de 1897,

com o aval de Machado de Assis e de Joaquim Nabuco, que impulsionaram, junto a outros, seus pilares iniciais nos moldes da Academia Francesa. O país, com tal feito, superava, ainda que parcialmente, seus confinamentos culturais, sua posição periférica, para credenciar-se a um patamar universal.

Na presidência, além de abrir a Casa para a sociedade através de inúmeras iniciativas culturais, tais como a implantação do Centro de Memória, os ciclos de palestras nacionais e internacionais, o ciclo de música popular e erudita, as publicações, o programa Visita Guiada, um sucesso ainda hoje, após 24 anos, em que estudantes e público em geral visitam as dependências da instituição guiados por atores, cantores, especialistas, que detalham sua trajetória histórica.

Na presidência, pautou-me o propósito de fazer o Centenário gravitar em torno da língua portuguesa, que é atributo máximo nosso, além da literatura nacional. Carecia rastrear a língua através da convocação de escritores, de líderes políticos, dos países que falavam a língua lusa, ao longo de sua genealogia, como o galego. A celebração da língua portuguesa culminou no dia 20 de julho de 1997, em uma solene cerimônia com a presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, os presidentes da Câmara e do Senado, autoridades brasileiras e estrangeiras, presidente Manuel Fraga, da Galiza, António Guterres, primeiro-ministro de Portugal, o ex-presidente Mário

Soares, e chanceleres dos países lusófonos. Além dos presidentes das Academias europeias e latino-americanas.

Meu mandato, embora curto, e não aceitei renová-lo, provou ser a mulher capaz de assumir tantas e difíceis responsabilidades. De representar a instituição em que plano e circunstância fossem, como discursando no Senado, na Câmara, e em todos os púlpitos do país, assumindo assim obrigações inerentes ao cargo.

No exercício presidencial, cresci como pessoa. Aperfeiçoei meu entendimento do país a partir de suas raízes tão complexas. Uma melhor avaliação de seus interstícios secretos, de seus labirintos mentais, da evolução mestiça da sua psique, das suas sensibilidades sociais. Pareceu-me haver apagado da memória afetiva a frase «sou uma brasileira recente», que pronunciei ao tomar posse na cadeira 30, da ABL, em 3 de maio de 1990. Deixei para trás esta convicção para assumir outra em seu lugar: sou uma brasileira de todos os séculos.

Que vantagens e dificuldades encontrou, em virtude da sua condição feminina, para se afirmar como escritora consagrada?

Percorri as ásperas veredas da criação enfrentando toda classe de preconceitos. O machismo, que dispunha de estratégias hábeis, agia com sutileza, confiante em emudecer a mulher, em reduzir-lhe seus méritos literários,

para que sua obra, enfim, não ecoasse na sociedade brasileira.

Reconheço, no entanto, que a despeito das discriminações sofridas, admiráveis intelectuais impulsionaram-me a crescer, aplaudiram meu trabalho, respeitando minha dignidade. Agradeço a cada um deles.

O que a tornou uma grande escritora: o talento, uma vocação especial ou uma necessidade existencial de dizer-se e dizer o mundo pela escrita?

Tenho dúvidas sobre semelhante afirmativa. Tenho a literatura em um cabedal tão elevado, que julgo razoável acautelar-me para vir a alcançar as culminâncias com as quais outrora sonhei. Ambicionei, porém, realizar uma obra à altura dos sentimentos que dedico à arte narrativa. E não que me conduzisse a ambição desenfreada que desnorteia rumos estéticos, mas fui apenas levada pela certeza da literatura nascer do escritor empenhado em assumir a utopia de narrar em nome dos vizinhos, das tribos, das facções amigas e inimigas, do dom de engendrar um enredo empenhado em preservar os traços da civilização, a fim de não se perder nenhum aspecto do transcurso humano.

Servi à escrita com extremado amor. Seus duradouros efeitos iam aos poucos descerrando os portais da vida, ganhando percepções que no início eu não enxergava. Enquanto a devoção à língua portuguesa, com inusitado ímpeto, avançava pelas palavras propícias a

admitir que uma única história, já a partir do primeiro parágrafo, continha a narrativa do mundo. Ou seja, cada palavra, em sua arrebatadora alegoria, guardava em si as chaves do bem e do mal.

Atenuava-me a fúria criadora saber que certos equívocos narrativos, por uma graça secreta, podiam operar em meu favor. Socorria-me a convicção de ser, até no sentido etimológico, mera amadora, cabendo-me, como no mito de Sísifo, reiniciar, dar voltas ao parafuso verbal.

Entendia que a índole dos personagens não surgia de um esboço preciso, nem de uma composição coerente. Não tinham matriz individual, mas uma genealogia arquetípica. E, para moldá-los, recorria-se ao sangue derramado nas ruas do bairro vizinho. Envolvia estas criaturas com a linguagem de uma poética selvagem, que ao acreditar na desordem da criação, recolhia o caos e os destroços do mundo.

Acolho com persistência estas considerações sobre a arte narrativa. Agarro-me à maestria alheia para melhor sorver seus mistérios. A narrativa, porém, a qual sirvo, desautoriza-me a esclarecer sua gênese, frequentar sua intimidade. Mas o que me importa, acima de tudo, é causar no próximo a emoção estética que se equipara à vida em estado puro.

Considera que existe uma literatura feminina que se distingue daquela que é escrita por homens ou a literatura não se diferencia em função do gênero?

Fundamentalmente, a arte prescinde da nítida definição do sexo do criador. A palavra não sofre os ditames autorais impostos pela anatomia. A literatura não se sujeita, pois, à genitália do autor. Ainda que a sua agonia contamine-se pela sua peculiar visão da realidade. Daí cada qual responder pelas suas idiosincrasias.

Sob a lupa do escritor, o que ele constata é soberano, sem considerações físicas. Ambos os gêneros, quando circunscritos à sua arte, são tragados pelos ditames narrativos. Enquanto regidos por alguns de seus códigos, são livres para circular pelos andaimes, pelos subterrâneos, pelos labirintos da arte.

A língua de cada qual é impura, ainda que a serviço do que sequer contar. Nasceu como pôde, da sarjeta, do degredo, das alcovas, das masmorras, dos crepúsculos e das alvoradas. E porque se socializou com dialetos e fonéticas alheias, amestrou os vocábulos da criação a fim de despejar as histórias que estavam na ponta da língua.

Decerto, a mulher, em verdade, recente na cultura institucional, apreendeu as sílabas com as quais compor a palavra que ela carecia, enquanto o homem, senhor da escrita, aposava-se da alma feminina.

Por sua vez, a mulher, privada de consultar os manuscritos, os incunábulo, avizinhou-se dos sentimentos, das contrações do parto, atendia os enfermos, ouvia os vagidos dos moribundos em seus leitos, na iminência da morte. Acolhia confidências guardadas no recôndito coração masculino. Era protagonista dos atos penosos, essenciais da vida.

Confrontado com o arsenal de saberes da mulher, o escriba, ao se ver desfalcado dos detalhes profundo da existência, extraia dela o que lhe faltava. Ia empunhando a pena enquanto a mulher transmitia-lhe o que dizia respeito à realidade. Assim, certamente, agiram Homero, Shakespeare, Cervantes, alimentando suas sentenças com a veracidade provinda da mulher. Ainda que jamais admittissem esta dívida moral, a transferência maciça de saberes.

E não terá sido assim que a mulher, reclusa na casa, confinada ao analfabetismo, ausente da aventura humana, participou estoicamente da construção civilizatória, ainda que seu nome não esteja inscrito nos frontispícios, como marca de um testemunho sem o qual o homem interpretaria o mundo pela metade? Desfalcado das condições de adotar um personagem feminino, convincente, com carácter universal.

Gustave Flaubert forneceu-nos a resposta adequada à questão de gênero na literatura, ao afirmar no tribunal, diante de seus interlo-

cutores, quando indagado sobre seu romance: «Ema c'est moi».

Pronto. Se não for eu capaz de auscultar o ser masculino, convém renunciar à literatura. Isto dito, julgo que o primado da arte repousa na interpretação radical do mundo, na criação sem empecilho, com livre-trânsito, e cujos pilares são o reconhecimento da existência comandada por um caos que por si, em seu magnífico imbróglio, nada exclui das zonas sombrias, do que ainda não ganhou luz.

Qual o romance que mais gostou de escrever e que diz mais da sua pessoa?

Cada livro ensinou-me a narrar. A entender melhor os mistérios de uma narrativa que jamais se agrilhoa. Cada título impôs-me uma conduta estética, uma carga de tensões, de dificuldades. Alguns livros desbravaram o mundo mais que outros. Operaram o milagre de franquear as almas alheias a fim desta escriba absorver os saberes e os enigmas que amalgamam o humanismo. De modo a me lançarem, destemida, no precipício verbal à caça de vertigens físicas em suas funduras.

O romance *A república dos sonhos* concentra uma maior soma de feitos. Nele centrei-me com rigorosa paixão. Aspirei, desde o início, que fosse minha suma teológica, em uma evocação de São Tomás de Aquino. O livro arregimentaria regras e desaforos narrativos, sobretudo a procura de uma linguagem hábil

em guardar ao mesmo tempo a linhagem do tempo, do espaço, da imaginação, da epopeia. Ainda o domínio do real e do irreal provindos do imaginário socializado.

Ao avançar em sua escrita, lidava com personagens que me forçavam a aceitar a individualidade que justo eu refutava. Sempre em defesa do seu carácter arquetípico da composição que abarca um horizonte apinhado de enredos, personagens, eras, sem as quais talvez a narrativa soçobrasse.

Como lhe surge a personagem nos seus romances?

Pelo desenho de uma personalidade? Pelo des-taque de uma característica? Inesperadamente, como fruto de uma visão interior? Inspira-se sempre em personagens reais como em *A república dos sonhos*?

Fascina-me como os personagens surgem na cena. Arrastando atributos e contradições, exibindo aos poucos o que se intitula de alma. São donos de glebas, do espírito e das paixões. Em uma só frase ajustam-se à trama romanesca. No primeiro esboço são inóspitos, sombras que revestem suas faces. Até que uma súbita réstia de luz adverte-me que veio ao mundo da narrativa um novo ser. Meu personagem começa a ter carne, iras, paixões, sagacidade. Na iminência de ganhar continuidade, de agir por si só, ele contraria-me, sugere ser valente, ter leis próprias. Sua recente autonomia enfrenta-me até a última frase. Travamos um combate benéfico à criação

romanesca. Qualquer conciliação significaria debilidade estética, o declínio do texto. Abateria uma hegemonia indispensável.

O facto é que é fascinante sua rota beligerante, a vaidade férrea do autor a sustentar os nós da trama. Destes aglomerados de factos e sentimentos, o personagem cresce, impõe condições, cobra compatibilidade entre ele e a fantasia do autor. Teme que, como criador, em desrespeito à regra da verossimilhança, ele o deforme, faça dele um Frankstein.

A crença, no entanto, no carácter coletivo do personagem reforça-se. Sobressaem-se suas características díspares, típicas dos andarilhos, palhaços, sonhadores, saltimbancos, guerreiros, dos que emprestam ao autor seus retalhos para com eles criar uma criatura definida. Um protótipo de extração múltipla, agraciado com sobras indignas e sublimes de uma humanidade apegada ao dever de narrar a própria história. Assim, batizados com águas turvas, eles são arquétipos heroicos ou monstruosos. Um preito, porém, à imperfeição humana concentrada em um ser ficcional.

Aprecio o personagem cujo campo de ação critica a sociedade. No passado, atribuí à figura feminina uma conduta distraída, de alguém alheio às ocorrências sociais, incapaz de dar soluções aos problemas reais. Ao alçá-la a tal categoria negativa, eu admoestava a sociedade do delito de desvalorizar a mulher ao acusá-la de distraída. Um julgamento diante do

qual os meus personagens femininos reagem com uma distração que amortecia os efeitos malignos de seus detratores, abstraído-se, simulando não ouvir o que seu algoz, pai ou marido, lhe dizia.

Encerrei este ciclo de mulheres distraídas com a fidalga Eulália, do *A república dos sonhos*, casada com o audacioso e arbitrário Madruga.

Reconheço, porém, que a arte quebra as minhas fibras. Há entre nós tensões, desajustes, mas esteticamente enriquecedores. O consolo final, porém, é incomodar e emocionar a todos uma vez vencida a narrativa.

Sabemos que começou a escrever muito nova, porventura influenciada por seu pai. Sabemos que foi marcada pela grande literatura europeia, de Shakespeare a Dostoievksi, passando por Cervantes, e pela literatura brasileira, como a de Machado de Assis. Algum escritor português ficou aninhado na sua escrita?

A vida me deu a graça de entender que convinha abandonar os limites generosos do lar para visitar as estações da história humana. Muito cedo julguei que tinha o direito de ingressar no Olimpo, nas tendas hebreias, no acampamento do mongol Gengis Khan.

Enamorei-me dos séculos pretéritos, abrigo-me nas literaturas que as tribos produziam. Desta disposição precoce, passei a amar a Antiguidade, o que teve início nas cavernas, ao amparo do fogo. Apurando meu sentido histó-

rico graças à leitura e às lágrimas derramadas. Aprendia a exaltar a loucura, a grandeza, a crueldade do texto que nos perpassava desde o primeiro vagido.

Impressionavam-me as migrações dos povos que eu seguia como se fosse um deles. Era fácil, se etrusca. Ouvia os ruídos das culturas arcaicas e primevas, dos arcanos, e, com tais esteios, cheguei a Homero, Tucídides, Heródoto, Sófocles. Também a Paulo de Tarso e a Mestre Eckhart. A todos que ao romperem os limites humanos estão assentados no frontispício dos cânones, todos me educaram. Tenho-os no sangue.

Machado de Assis é o oráculo brasileiro. Supera as fronteiras do mistério da arte. Como ninguém, decifrou a natureza brasileira. Sanciona, portanto, minha nacionalidade. Sem ele que brasileira seria? Daí ter adotado o mote: se Machado de Assis existiu, o Brasil é possível.

A língua portuguesa é razão de viver. Onde esteja, vou ao seu epicentro. A literatura que produz é motivo de tormento e de estesia. Cedo, li a criação portuguesa. Camões segue como deus, ele me moderniza, enseja que eu ande pelos territórios da arte estrangeira sem desdouro. Seu repertório verbal e inventivo é alimento para a minha imaginação. E ao julgá-lo pai da língua, designo a todos seus herdeiros, sucessores de uma matriz que gerou o presente e o futuro da criação literária portuguesa.

A república dos sonhos é um romance admirável, talvez mesmo eterno. É um país contemporâneo que ali está nascendo, a que a grande literatura presta devoção. Quanto tempo demorou a escrevê-lo? Atendendo à sua origem galega e de emigrantes galegos se tratar na urdidura do romance, precisou de fazer pesquisa para as duas personagens principais ou encontrou o material necessário nas memórias familiares?

Meu Deus, nasci com ele e morri à sua sombra. Com fastio, lamento, euforia. Ao longo da sua escrita, privei com o enigma da ressurreição que a língua contém. Dei o bom combate e o poder da língua derrotava-me. Em busca dos atavios da imaginação, supria-me do abjeto e do sublime, fermentos da criação. Com o fermento deste pão, seguia com o projeto que previ durante anos. Um romance longamente gestado, que ambicionava a força épica que universaliza o cotidiano e converte os seres em construtores de uma América surgida da penumbra dos milênios. Uma legião de desterrados à procura de ouro e água.

Em meio às palavras havia uma presença jamais mencionada, que não aparecia em nenhum momento, e sem nome. Só eu sabia dele. Era um europeu a quem me dirigia para lhe falar do Brasil, do seu percurso histórico, do fabulário que pavimentava sua arte. Por meio dele, a Europa saberia não sermos mera réplica de suas utopias, ou civilização tisonada, mestiça. Ele servia para guiar meus pronunciamentos e reflexões.

Amealhei saberes até sentir-me apta a vencer o peso estético e moral da escritura, a sua arqueologia, a linguagem eivada da desmedida do mundo, a matéria inerente à construção brasileira.

Criava, atenta em preencher as lacunas havidas na composição. Afinal, a história do mundo é sempre falha e a minha também. Além do mais, a arte é um fetiche com o mérito de nos salvar.

A gênese brasileira, com seus dois últimos séculos, e o tema imigratório deixavam pegadas na narrativa. Ambas as vertentes narrativas supriam as aspirações dos brasileiros e imigrantes que, com seus andrajos, lutavam por superar a versão olímpica da história imposta pelos vencedores. Como deserdados, apostavam na sopa diária, no sal da terra, nas quimeras confiáveis, no porvir da humanidade.

Ao terem os galegos cruzado o Atlântico, traziam nos baús as claves e os saberes do passado, com as quais fortalecer a identidade brasileira. Peninsulares ibéricos, levantinos, orientais, tinham debaixo das axilas, em meio ao suor, trapos, paladares, ancestralidade, memórias, extratos culturais. Sob a lona do circo humano, arregimentando a história do continente, ofertaram-me o sangue miscigenado com o qual montar no *A república dos sonhos* o espetáculo da civilização.

Dei início à aventura romanesca em Congonhas do Campo, cidade colonial mineira, onde

instalei-me, sozinha, na pensão Daniel, por coincidência, nome de amado avô materno. De suas janelas azuis, eu observava as estátuas dos 12 profetas cinzeladas em pedra-sabão pelo genial Aleijadinho, expostas no átrio do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, preciosa réplica da igreja que em Portugal leva o mesmo nome.

O que dizer da história que Amós, Abdias, Jonas, Baruque, Isaías, Daniel, Jeremias, Oseias, Ezequiel, Joel, Habacuque e Naum iam-me contando a cada amanhecer, após suculento café da manhã? O Antigo Testamento, que estudei tanto com as madres beneditinas alemãs, resplandecia, fazia parte da minha dolorida e esfuziante jornada. Juntos, afinal, o passado e o presente pressionavam-me a expelir o período da ditadura militar que me castigava. Os personagens, por sua vez, em construção, convenciam-me de ser capaz de terminar o livro a tempo da restauração democrática, do advento da nova República. Havia sólidos indícios do Brasil em breve retomar o seu destino, encontrando o romance pronto para incorpora-se aos festejos.

Com tal convicção, intensifiquei o trabalho. Foram 2 anos, de 14 a 18 horas diárias, incluindo sábados e domingos, debruçada na modesta Hermes que ganhei do pai aos 13 anos, após regressar dos anos vividos em Espanha. Com o capacete na cabeça, símbolo do herói, visitava o mundo sem ser vista. Sentia-me também Hércules a cumprir as 12

façanhas. Contudo, carregava no corpo o peso de uma mortalha, sempre que me sentava diante da máquina.

Neste tempo fiz umas sete versões do livro, hoje conservadas no meu arquivo literário, que ocupa um apartamento vizinho à casa. Uma pilha cuja altura excede um metro. Devo destacar que cada versão correspondia ao mesmo romance, mas com modificações, desdobramentos, ampliações substanciais, acréscimos que propiciavam melhor entendimento dos princípios estéticos utilizados. Além das emendas caligráficas, feitas com caneta de ponta fina, incorporadas às entrelinhas. Uns desenhos que me transmitiam confiança na eternidade da escritura. Originais estes que, em seu conjunto, permitem um estudo genético.

Como qualquer livro, o *A república dos sonhos* alimentou-se de segredos invioláveis, oriundos da imersão no enredo que eu tecera. Fui longe no esforço de recapitular o que escrevera. Contava com a superfície, a fundura, o abismo, as camadas arqueológicas, a fim de rastrear os traços constitutivos do romance, enquanto à força traduzia a sensibilidade instaurada no Brasil, a partir do século XVI, e que espelhava as transformações havidas na língua, nos cruzamentos étnicos, dos quais resultaram o surgimento de utopias de matiz nacional.

Evoco as peregrinações medievais ibéricas, trazidas pelo imaginário de algum imigrante que, em meio a mil irradiações, alargavam

o horizonte do romance, a fim de que pelas memórias vindas à vida, eu pensasse nas simetrias que subjazem por trás da minha linguagem. Um esperançoso mergulho no universo verbal, na expectativa de que a máscara de Agamémnon estivesse a repousar no fulcro da minha criação.



Em *Uma furtiva lágrima*, seu último livro publicado em Portugal, desenvolve um conjunto de reflexões existenciais sobre a Vida e a Morte, o Amor, a Paixão... É uma dádiva literária legada ou doada às futuras gerações? Um esquadrihar de memórias pessoais?

Este livro reluz um repertório que espelha porções e sobras de minha vida. Em sua configuração narrativa alio-me aos demais vizinhos. Avalio a febre dos sentimentos em confronto com nosso coração em frangalhos, esta ardilosa substância com a qual se compõe a psiquê humana, enquanto o eco do verbo diz quem somos diante de malévolas pautas.

Reconheço-me em suas páginas. A serenidade e os soluços que afloram, meus e dos contemporâneos, induzem-me a falar pelos demais. Isto porque nada sei sem o próximo. Ciente de que esta primeira pessoa, chamada Nélida, embora faustosa, sabe que o predomínio do eu pode ser frugal, disperso, múltiplo. E ostenta às vezes um protagonismo falso e custoso, proponho a assumir uma urdidura que dilacera a própria carne. Esta autoria, no entanto, no meu

caso, foi inevitável, tornou-se o único modo de narrar. De ver quem sou, quem não sou.

Em momentos, cedia às reduções psíquicas impostas pela criação, outros instantes, expandia-me para ter acesso aos acertos íntimos da arte que requeria a presença, mesmo invisível, de uma legião de intérpretes dispostos a participar, por meu intermédio, do festim da vida. Afinal, eles, em geral, me precederam nos séculos, eram inventores do *logos*. Com suas existências, eles, gregos, etruscos, hebreus, largaram na minha consciência brasileira o legado de seus corpos caminantes, suas algarvias verbais. Também doaram-me artefactos enferrujados, com os quais dilaceravam, em suas tendas, as vísceras dos animais abatidos.

A sentença de morte que recebi em dezembro de 2015 aprimorou meu instinto narrativo em iminente despedida. Aprofundou o nível da memória, das reminiscências que apontavam, impiedosas, o que eu fizera com o tempo que me fora dado pelo deus monoteísta e por aqueles deuses surgidos do terror que a noção do caos provocava nos humanos.

Expus o palimpsesto da alma convertida em narrativa no livro *Uma furtiva lágrima*, sob o alento de estar debaixo do domínio de um ofício que gerava fé no curso da vida. Morreria por ele, enquanto ele, em troca, se encarregaria de me salvar.

Considera a crítica literária brasileira adulta, com autoridade estética nascida do seu próprio trabalho, ou um conjunto de pequenos grupos guerreando-se entre si, cada um mostrando, como um adereço rico, os autores que adota ou privilegia? Recordamos que no *Livro das horas*, discretamente, faz a acusação de um dia terem querido remetê-la ao silêncio.

O Brasil conta, sem dúvida, com uma admirável linhagem de exegetas, cujas obras imergiram na formação nacional, em sua gênese, nas manifestações da estética, suas reflexões servindo de análise da identidade do país, estudos que foram decifrando as características inerentes ao ser brasileiro.

O autor tende a desclassificar a crítica que não lhe faz justiça, não o louva na medida desejada, quando o que ocorre é o permanente embate entre a vaidade do autor e o ajuizamento da crítica.

Quanto a mim, no que tange à crítica literária, sofri ataques despejados com ira. Ações com o deliberado propósito de silenciar-me, de ofender-me. Havia que me banir do mapa literário.

Diante da virulência dos dois críticos, a que me refiro, ambos mortos, reagi com equilíbrio. Sabia que a literatura, conquanto mágica, comportava erros e condutas abusivas em favor de interesses espúrios. Agiam eles tecendo a urdidura de uma insidiosa teia de aranha.

Como encara a relação das literaturas de língua portuguesa com o cânone literário ocidental?

O Brasil sofre contínuas injustiças culturais. Não participa das aferições estéticas internacionais, nem desfruta de primazias. Ao viver no desterro, está isento de culpa. Com exceção de Machado de Assis, o único brasileiro incluído no cânone ocidental por Harold Bloom, árbitro da estética ocidental.

O cânone, conquanto consagre nomes sublimes, abate também com setas envenenadas escritores originários de culturas periféricas, mas merecedores de figurar no panteão literário.

Os ajuizamentos estéticos acaso irresponsáveis, causam graves lesões históricas aos criadores, e igualmente aos países de onde procedem.



Parece-lhe que se pode falar de um cânone literário lusófono? Qual ou quais os problemas que ele coloca?

O cânone não me pesa na consciência. Testo sua importância quando da inclusão de notáveis escritores. Mas desconfio de sua correção quando exclui exímios autores. As lacunas havidas nele relativo à língua lusa me doem, mas não me matam. Espero que os responsáveis por tais desatinos estéticos sejam sempre recordados.



Imaginando que era desafiada a organizar uma antologia das literaturas lusófonas, em que época a iniciaria e porquê?

Desde o albor da língua, dos vagidos ansiosos por consagrarem as primeiras frases pronunciadas à beira do fogo. Desde o princípio, quando havia que narrar intermináveis histórias. Igual a eles, também eu recolho, em alguma caverna próxima, o pergaminho em que registraram outrora os gritos lancinantes da minha língua e que me salvaram.

Honro os que impulsionaram a grandeza das palavras, em especial Camões. Sua real insígnia deixou lastros nos herdeiros e sucessores. Somos muitos os que militam ao abrigo da sombra da sua literatura. Prosperamos, criamos, publicamos sob os domínios da língua portuguesa. Guardamos com zelo nos baús da alma poética a deslumbrante carnalidade das palavras.



Quais os critérios para a organização de uma tal antologia e quais os principais problemas que ela colocaria?

Os especialistas que se pronunciem. Omito-me, recuso-me a seguir por esta trilha ingrata. Sofreria em selecionar talentos e em excluir quem merece a glória. Afinal, que critérios adotar, acaso submeter-me à imposições estéticas, escolas literárias, a séculos resplandecentes, às vertentes teológicas, às civilizações atrativas? Ouvir os reclamos da

História, cuja métrica julga, impiedosa, a passagem dos tempos?

Quais os países lusófonos que considera mais promissores em termos de produção literária?

A indagação é injusta, fere os países com formação intelectual recente. Não leva em conta o peso da tradição literária a favorecer sociedades mais avançadas, antigas, em prejuízo das mais jovens, que não foram beneficiárias de saberes ancestrais. Não tiveram ao alcance da vista os mosteiros do século X, às vésperas do novo milênio, salvaguardas dos incunábulo dos textos gregos, árabes, do esplendor

mediterrâneo, dos tesouros benéficos, salvos por milagre. Potentes e perversas civilizações sempre presentes no imaginário de um autor europeu contemporâneo.

Nós, no entanto, de países culturalmente descapitalizados, salvamo-nos hoje graças ao fácil acesso a Homero, Sófocles, Dante, Cervantes, Molière, Camões, Shakespeare, aos acervos universais. Deste modo, os países de fala portuguesa dispõem das fontes do saber, são aptos a incorporar-se à tradição literária, aos seus haveres. Para que os filhos da pobreza, libertos da canga infiel, revelem o brilho da genialidade que o mundo carece.
